

A DOMINAÇÃO PELA CONDIÇÃO RACIAL NA OBRA DE BERNARDO ÉLISCélia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo¹Marcela Italo Rodrigues e Silva²Muryllo da Silva Vidigal³

RESUMO: A obra *A Enxada* de Bernardo Élis, um dos nomes mais importantes da literatura goiana, é caracterizada por expressar falas regionais vivenciadas no dia a dia do cotidiano no interior do estado de Goiás. Neste contexto, esta pesquisa objetivou salientar algumas reflexões acerca do racismo presente na obra e associar ao contexto racial existente no Brasil, apontando inúmeras situações racistas presentes no conto. O estudo se desenvolve a partir de uma pesquisa bibliográfica entre os autores que sustentam teoricamente a interpelação aqui estudada. Os autores mais recorrentes na pesquisa são Carlos Moore (2007) e Florestan Fernandes (1978). Para tanto, o que se pode entender é que há características racistas presentes no conto e que o racismo é um mal que deve ser combatido constantemente, pois mesmo que não seja explícito esse ódio, deve-se analisar com cuidado as facetas de tais discursos, atitudes e contextos sociais acerca da escravidão e racismo.

Palavras-chave: Bernardo Élis. Racismo. Escravidão.

DOMINATION BY RACIAL CONDITION IN THE WORK OF BERNARDO ÉLIS

ABSTRACT: The short story *A Enxada* was written by Bernardo Élis, one of the most important literatures writers in Goiás, he is characterized by expressing regional speeches experienced in daily life in the interior of the state of Goiás. In this context, this research aimed to highlight some reflections about the racism present in the work and to associate it with the existing racial context in Brazil, pointing out countless racist situations present in the story. The study is based on a bibliographic search among the authors who theoretically support the question addressed here. The authors were more frequent in the research are Carlos Moore (2007) and Florestan Fernandes (1978). Therefore, what can be understood is that there are racist characteristics present in the story and that racism is a bad thing that must be constantly combated, because even if this hatred is not explicit, one must carefully analyze the facets of such speeches, attitudes and social contexts about slavery and racism.

Keywords: Bernardo Élis. Racism. Slavery.

INTRODUÇÃO

O racismo no Brasil tem histórico no processo de escravização de povos negros africanos, que chegaram em terras brasileiras para serem mão-de-obra exploradas. A partir disso, consideramos que

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do Centro Universitário Unicathedral. Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. E-mail: celiamarciagn@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8811-814X>.

² Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Itapuranga, Goiás, Brasil. E-mail: mitalobianco@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2895-7846>.

³ Graduado em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG).

uma das principais causas desse processo de discriminação e divisão de raça foi causada pelo capitalismo.

Partindo desse pressuposto, este trabalho tem como foco abordar o conhecimento histórico, geográfico, político e social do sertão goiano, aprofundando o tema racismo (tão relevante, ainda atual e necessário de ser discutido). Nesse contexto, é nítido que analisar uma obra que tenha relação direta com o racismo e que, de fato, exponha tais práticas racistas no corpo do texto torna-se coerente no intuito de entender e exemplificar o que o Brasil vem passando há anos.

Em vista disso, o estudo irá se basear no escritor, contista, prosador, Bernardo Élis, que é caracterizado por utilizar em suas obras falas, costumes, culturas regionais do estado de Goiás. A princípio, apresentamos diversas ponderações acerca do autor Bernardo Élis e sua importância para a literatura brasileira, focando principalmente na literatura goiana. Na seção “*A Enxada e o homem: subjugação racial*”, expandindo o conhecimento acerca da escravidão e do racismo velado, persistentes no Brasil do século XXI, analisamos e destacamos tais questões presentes no conto *A Enxada*.

A Enxada, um dos contos mais extensos da coletânea do autor, é um conto emblemático no tocante ao tema racismo, pois a história do personagem Supriano representa a luta de um homem negro que paga, com a própria vida, a injustiça de uma sociedade racista e criminosa. Em meio a tamanha precariedade que se encontrava os negros, pós-abolição no Brasil, muitas questões acerca do racismo são trabalhadas no conto *A Enxada*. Nosso trabalho explora a maneira como um homem negro, miserável é subjugado por meio da força de trabalho e tratado de maneira desumana, tendo seus direitos básicos de sobrevivência negados, por meio da condição racial.

Diante disso, ressaltamos que *A Enxada* possui variadas temáticas que evidenciam as práticas racistas, no entanto, não é pretensão nossa esgotar o debate acerca dos temas viabilizados pelo conto, tampouco limitar as suas possibilidades de análise.

Esse artigo visa compor uma contribuição às reflexões sobre o tema racismo, bem como destacar a importância de se ler e versar sobre a literatura goiana, uma vez que os textos regionais (tais como a contística de Bernardo Élis, por exemplo) permanecem esquecidos quando colocados ao lado de outros nomes de destaque na literatura brasileira, como Machado de Assis ou Clarice Lispector, sendo pouco citado nos meios acadêmicos. Dessa maneira, entendemos a importância de se estudar contos regionais, como *A Enxada*, uma vez que esses contos simbolizam um marco para a literatura goiana por valorizar e mostrar para o restante do Brasil, o homem do sertão no seu falar, seu espaço, suas riquezas e sua cultura.

1. A literatura de Bernardo Élis

Escritor goiano, contista, romancista, poeta, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em Corumbá de Goiás no ano de 1915 e ficou conhecido no Brasil por meio de sua obra *Ermos e Gerais, caminhos e descaminhos*, de 1944. Já o seu romance *O tronco*, 1967, adaptado para o cinema, ganhou

diversos prêmios e reconhecimento de público. Élis foi um escritor que deixou vasta produção e recebeu variados prêmios importantes da literatura brasileira, como o prêmio *José Lins do Rego*, *Afonso Arinos*, *Jabuti*. Também foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, da qual fez parte, sendo o primeiro goiano a entrar para a Academia e ter o reconhecimento de escritor.

Os contos de Élis expressam o retrato da vida do sertão goiano, deixando registrado nas produções textuais os detalhes da vida do homem goiano pobre (financeiramente), trazendo muitas vezes Corumbá de Goiás, como exemplo de cenário e espaço para o texto literário e, ao mesmo tempo, criticando os ricos e poderosos (chefe/políticos), que subjugam a parcela pobre da sociedade goiana num grande atraso de condição política, social e econômica ainda no século XX.

Estudos sobre a obra e a crítica de Bernardo Élis são recentes, tendo em vista o reconhecimento do literato somente por volta da década de quarenta, quando lançou seu primeiro livro “*Ermos e Gerais*”, em 1944, desta data até sua morte no final da década de noventa, em 1997. As obras de Élis são de grande validade para a literatura e não ficam para trás das literaturas de outros escritores goianos, como Crispiniano Tavares, Carmo Bernardes, Cora Coralina, Pedro Gomes, Regina Lacerda, Hugo de Carvalho Ramos, entre outros, pois cada um possui sua peculiaridade para expressar o espaço, o tempo, a língua do sertão goiano.

Bernardo Élis, ao longo de seus estudos, criou um estilo único que é caracterizado como regionalista. É perceptível que em suas criações expõe sempre a fala, o espaço, o ambiente, as tradições e as dificuldades características do povo goiano. Assim, Élis pode ser considerado como o introdutor do movimento Modernista no Estado, estando filiado ao segundo momento modernista, o regionalista, que seria, nos dizeres de Candido (2006), aquele da “consciência do subdesenvolvimento” na literatura brasileira.

Os contos expõem a grande variedade de ideologia/crença que Bernardo Élis defendia e criticava em vida. Neste sentido, os contos retratam uma crítica social, abordando temáticas variadas, ligadas ao contexto de vida do homem sertanejo do interior de Goiás. As obras de Bernardo Élis possuem características de um prosador (pois ele se identificou na prosa), na ficção (pela bagagem ficcionista de Goiás), de um poeta e contista (pelo seu repertório/escrita), de ter liberdade da imaginação, tendências e aspectos linguísticos próprios. Os contos de Élis tem muito significado e sentidos para seus leitores, uma vez que eles se identificam com a realidade dos personagens descritos.

A literatura de Bernardo Élis é empregada pela narrativa ficcionista, pois o modo que o autor expõe as falas regionais e o contexto que se passa no enredo dos contos parece uma crítica do real, porém velada por meio das articulações linguísticas, possibilitando que o leitor tenha acesso às sensações/emoções do que o narrador está passando, suportando, vivendo etc. Para tanto, a ficção e o real se misturam, porque o autor cria por meio da ficção uma história que está atrelada ao contexto social, desde que o contexto possa dialogar com a realidade, pois a literatura é uma propriedade que se adequa ao contexto real (verdadeiro) original, para que haja a verossimilhança entre o que é verídico e o que não é.

Dessa maneira, embora Bernardo Élis seja um nome pouco conhecido no que diz respeito às nossas letras nacionais, é um dos maiores rebentos de nossa literatura brasileira. Por conseguinte, trazemos para o nosso estudo um conto emblemático da produção de Élis, que repercute de maneira crítica, simbolizando o fazer literário do autor goiano. O conto *A Enxada* situa-se na obra de Bernardo Élis *Veranico de Janeiro*, do ano de 1976. *Veranico de Janeiro* é apontado pela crítica literária como uma obra que modifica o ideário ficcional do autor. Para tanto, o próprio Élis confirma essa mudança de tratamento em seu texto para o professor Giovanni Ricciard em 1989:

Esta mudança é resultado de estudo de autores atuais, de estudo das teorias de crítica literária e, sobretudo, de profundos e acurados estudos de gramática caipira, da sociologia, economia, folclore, hábitos, usos e costumes do povo caipira, esse caipira em cuja cultura Goiás tem vivido até o presente momento: cultura tradicional, apoiada na economia de subsistência, onde penetram alguns traços da economia capitalista de mercado, desorganizando o estável mundo até então vigente. Com a ajuda da crítica, filtrada das conversas de meus ancestrais, políticos e dirigentes sociais, na maioria, pude perceber o estado de atraso, rudeza, primitivismos, ignorância, doenças, isolamento (geográfico e social) em que viviam as populações goianas, ignoradas pela comunidade brasileira e mundial e alienadas da civilização contemporânea.

Por meio dessa passagem de Élis, observamos que, em pleno século XX, Goiás desconhecia bancos e entidades creditícias. Toda energia empregada no estado era de origem animal, especialmente humana. Não se conheciam instituições de assistência social, o sistema agrícola era baseado na enxada, não conhecendo o progresso da tecnologia no campo, por meio ainda do trabalho braçal bruto. No campo religioso e social, a Igreja Católica dominava absoluta, cujas doutrinas e superstições mais grosseiras deformavam e deturpavam os conceitos e as convivências entre as pessoas na sociedade. Na verdade, Goiás vivia em plena Idade Média, e o que unia esse Estado ao resto do Brasil era a Língua Portuguesa e o sistema fiscal de cobrança de impostos.

Por abordar problemas da condição precária de homens que vivem afastados dos grandes centros urbanos, a literatura de Élis situa-se no que poderíamos denominar de a ficção regionalista nacional. Podemos observar no texto do autor goiano, alguns elementos do Romance de 30⁴, no que diz respeito à temática e o olhar para uma parte do Brasil à margem das cidades urbanizadas e esquecidas do poder público. Assim, a narrativa de Élis é marcada por uma linguagem do coloquialismo goiano, por meio de registros da oralidade e da presença de um narrador marcado por uma consciência crítica acerca da realidade narrada, demonstrando uma memória da tradição oral.

⁴ “romance de 30 [...] que se referem à mesma coisa: ‘romance social’, ‘regionalista’, ‘de esquerda’” (RUFFATO, 2007, p. 252).

Como observamos no parágrafo acima, a literatura de Élis apresenta registros e características que a aproximam da literatura regional, sobretudo por demonstrar a realidade goiana a sua linguagem, superstições, folclore, crenças do ambiente rural do interior de Goiás. Esses aspectos são ressaltados e evocados na obra do autor, por meio da ênfase na vida rural, se valendo de uma linguagem bastante verossímil do ponto de vista do registro da fala do homem sertanejo, do roceiro de Goiás. Para tanto, Bernardo Élis evidencia uma realidade dura, cruel e brutal da vida de pessoas do interior do Brasil, que estão longe dos grandes centros urbanos, de uma vida que parece estar sempre pronta a embrutecer o sujeito, daquele que está numa situação de miséria e de escassez.

Por outro lado, em se tratando de estética literária, esse escritor deixa marcado em sua obra uma linguagem bastante poética, pois consegue fugir do documental e meramente jornalístico, que muitas vezes marca o texto regionalista de outros autores. Como uma das características do Romance de 30, a denúncia social muitas vezes aparece em textos literários de maneira documental e jornalística, contudo esse tratamento não é dado pelo escritor goiano ao seu texto literário. Teixeira (2010), sobre a obra de Élis, analisa “(...) a narrativa transpõe não só o documento, ao recriá-lo como literatura, mas principalmente ao não se limitar à crônica dos acontecimentos (...)”. Bernardo Élis, ao tratar esses temas, consegue transpor em seu texto uma linguagem que transcende a objetividade da narração de fatos que poderíamos dizer históricos e transformar dados de uma realidade miserável, por meio de uma linguagem poética

Ao ser lido, estudado e abordado criticamente pelos estudiosos de literatura, as características próprias e marcantes da obra de Élis, colocam o texto desse autor em posição de destaque no quadro da literatura brasileira. Dessa maneira, Élis foge não somente do documental jornalístico, como também da objetividade do gênero épico e narrativo. Observamos, assim, um narrador que conta a história de um modo objetivo, entretanto, nesse narrar, encontramos poeticidade por meio da linguagem de uma narrativa carregada de lirismo em sua composição e de seus personagens.

2. A *Enxada*: linguagem poética e metamorfose de “Piano”

Temos, no conto *A Enxada*, uma linguagem que mescla o coloquial registro da oralidade goiana do interior de Goiás, através da maneira como o homem simples da roça fala e a representação dessa fala do homem sertanejo. Como destacado anteriormente, a construção da linguagem se volta para a linguagem poética por meio de recursos linguísticos que evidenciam o emprego de figuras de linguagem, a construção de ideias, a construção de desenvolvimento das personagens, apontando e se valendo da subjetividade do texto lírico e poético.

Dessa maneira, observamos na construção do conto *A Enxada*, uma mescla da objetividade narrativa com a subjetividade lírica do narrador, do personagem-protagonista, bem como de nós leitores críticos que parecemos intrometer na leitura do conto, pois o conto invoca sentimentos, emoções, reflexões, por meio de gatilhos dos acontecimentos da narrativa, que talvez somente por meio da

construção da linguagem da leitura de um texto histórico, não ficaríamos sensibilizados enquanto leitores. A experiência de leitura do texto literário proporciona certa sensibilidade para o seu leitor. Diferentemente da experiência de leitura de um texto histórico, que trabalha com a objetividade narrativa e talvez, por isso, proporcionando uma experiência rasa para seu leitor.

Nesse tocante, encontramos no texto de Élis, uma leitura que cumpre com o predicativo proposto por Cortázar (2006), de que um bom conto vence por nocaute, enquanto o romance vence por acúmulos de pontos. *A Enxada* nocauteia o leitor que se sente arrebatado do início ao final da narrativa, acompanhando a saga angustiante de Supriano, o personagem protagonista do conto, e a injustiça pela qual é acometido em sua luta de encontrar uma enxada, sua ferramenta de trabalho, para plantar uma roça de arroz. Quando todas as tentativas de Supriano são fracassadas, o leitor chega ao final do conto com o clímax que o arrebatava, provocado pela catarse de ver o sertanejo se transformando em uma enxada, ou seja, sua própria ferramenta de trabalho.

Supriano era um homem negro, que trabalhava nas terras do fazendeiro poderoso da região, capitão Elpídio Chaveiro. O conto narra que Supriano foi parar nas terras de Elpídio numa situação análoga à escravidão, entregue para o capitão como escravo, pois ele não podia trabalhar em outro lugar como um trabalhador de fato para receber uma remuneração e para exercer uma profissão como qualquer outra pessoa. Dessa maneira, a única escolha dada ao personagem-protagonista é trabalhar para o capitão Elpídio como um subjugado por essa condição de opressão. No conto, a situação de Supriano é colocada de maneira mais comovente, quando demonstra que além de trabalhar de maneira subjugada, Supriano não tem a própria ferramenta de trabalho. E, quando ele se dirige ao capitão Elpídio a fim de lhe pedir a enxada, é maltratado, ofendido e agredido brutalmente, como se tivesse a obrigação de ter a enxada. Sobre isso, Silva (2020, p. 111) esclarece que

No campo goiano havia uma naturalização da superexploração, da miséria e um imbricamento dos coronéis com o Estado. Fazenda e Estado se confundiam, havia uma concepção patrimonialista na oligarquia agrária. O campesinato não formava naquele período uma classe para si. Por isso Piano menciona a *'revolta inútil'*, o *'nenhum vislumbre de socorro'* e o *'temor de tantas ameaças.'* Ele não enxergava nenhuma possibilidade de fugir da condição de camarada, de possível vítima do poder de eliminação dos coronéis (...).

Assim, Supriano vai atrás de empréstimo para conseguir a enxada com amigos, contudo ele não pode arranjá-lo para obter o dinheiro e comprar ou alugar a ferramenta. Pede emprestado para o vigário, mas a enxada do padre tinha sido roubada; pede para o seu amigo, mas o amigo não pode emprestar porque ele tem rixa com capitão Elpídio. Então, ele acaba se encontrando em uma situação labiríntica “kafkiana”, sem saída, porque ele é obrigado a executar o trabalho, plantar o arroz, mesmo não tendo a ferramenta de trabalho.

Na leitura do conto, observamos que, em meio ao cenário brutal e opressor da vida de Supriano sempre carregada de mazelas, a condição do protagonista é de extrema miséria, agravada pela condição

humana por meio de suas péssimas condições sociais, pelo modo como ele é marginalizado pela sociedade. O narrador se refere ao protagonista como Piano, um apelido do nome Supriano. A população local também o conhece como Piano, contudo, seu nome Supriano faz referência a sua condição, como se fosse um trocadilho referente a suprimido, figura enfraquecida, empobrecida.

Dessa maneira, embora embrutecido pela vida e por todas as condições sociais que o afligem e pela maneira desumana como é tratado, Piano não é um sujeito brutal. O seu apelido sugere uma comparação ao instrumento musical. Para tal constatação, observamos no início do conto a seguinte descrição que o narrador faz do protagonista: “Supriano era feio, sujo, maltrapilho, mas delicado e prestimoso como ele só” (ÉLIS, 1976, p. 83). Por meio deste excerto, observamos que o atributo de ser delicado e prestimoso coloca Supriano comparado ao instrumento musical **piano**, um instrumento imbuído de valor, prestimoso, tomado como algo valoroso, considerado um instrumento de classe, também possuindo delicadeza. Tal delicadeza de Piano é manifesta no conto quando mesmo diante de todas as portas fechadas, mesmo diante de toda injustiça, o personagem aparece resignado, digno.

No início do conto, observamos a maneira como o narrador descreve as relações dentro da lógica do sertão, demonstrando que os sujeitos tecem trocas, dando e recebendo favores, constituindo dívidas sustentadas na lógica da reciprocidade e de favores. Há uma ordem nas relações das pessoas no sertão, que leva Piano a realizar a “arrumação” do porco para D. Alice. Nessa lógica das relações, Piano entende que somente poderia pedir emprestada a enxada ao Senhor Joaquim Faleiro, esposo de D. Alice se também lhe fizesse um favor.

Joaquim Faleiro, era também sertanejo, mas proprietário da terra ao contrário de Supriano, demonstrando assim uma condição social melhor da do negro: “sitante pobre, dono de uma nesguinha de vertente boa” (ÉLIS, 1976, p. 84). Ainda que pobre, esse personagem, por possuir terra, dispunha dos seus próprios meios de produção, e assim conseguia não se sujeitar ao trabalho a mandos de outros homens, como era a condição de Piano. O seu lugar social, inclusive, permitia explorar Piano, como observamos: “Vem trabalhar mais eu, Piano. Te dou terra de dado, te dou interesse...” (ÉLIS, 1976, p. 85).

Por meio da lógica das relações estabelecidas no sertão, entendemos que a condição de Supriano é daquele que aparece subjugado e oprimido. Além disso, há um elemento importante neste conto que agrava a condição do sertanejo, pois ele trabalha para o capitão Elpídio não por uma oferta de trabalho que recebeu, mas porque ele foi entregue pelo delegado para aquele como forma de pagamento por uma dívida. O conto não deixa claro se a dívida é do delegado, ou se a dívida é de Piano, ou se também tem parte de dívida do delegado. A grande questão é que Piano é coisificado, e transformado como objeto, como moeda de troca sem nenhum valor, e ele não pode sair das terras de capitão Elpídio antes de entregar o trabalho, antes de plantar todo o arroz.

O conto deixa implícito na fala dos personagens que marginalizam Piano, evidenciando que ele é negro. Para tanto, observamos a condição de Piano: homem negro, pobre, casado com uma mulher entrevada das pernas, que anda arrastando, portanto, não consegue trabalhar para ajudar no sustento de

casa. Outro dado agravante dentro da narrativa para a situação do sertanejo, é de que o filho de Piano tem problemas mentais não conseguindo ter uma vida social, e assim, não conseguindo ocupar um lugar social adequado para executar um trabalho.

Assim, o personagem-protagonista está nas vias do desespero, pois todos os obstáculos estão colocados diante dele por meio de uma situação desesperadora e labiríntica. Dentro dessas ideias de contraste, o conto também evidencia, por um lado uma personificação do mal na figura do capitão Elpídio, e uma personificação da humildade na figura de Piano. Não diríamos nem bondade, mas humildade, simplicidade, ingenuidade do sertanejo.

Elpídio no conto é descrito de maneira rude, brutal de um sujeito que se beneficia do poder de ser capitão na lógica das relações do sertão. O personagem usa a sua posição hierárquica social para subjugar os explorados, sendo a própria imagem racista e opressora, detendo o poder, em suas falas dirigidas a Piano, constatamos: “Nego á-toa, não vale dívida [...] Agora, negro fujão, é pegar o caminho da roça e plantar o arroz” (ÉLIS, 1976, p. 85-94). Também em outro momento, quando repreende Piano pela solicitação da enxada: “Cala a boca, sô! Aqui quem fala é só eu” (ÉLIS, 1976, p. 94). A postura de Capitão Elpídio nos remete as práticas terríveis dos mandos e desmandos da elite rural no interior de Goiás. Uma realidade brutal, cruel, que não foi de toda extinta e acabada.

Outra questão presente no conto, que denuncia esse Brasil ainda atrasado do interior, é a situação de Piano que literalmente é a de um escravo. No Brasil do século XXI, ainda observamos muitas pessoas que vivem e trabalham em situação análoga a da escravidão. Não raras as vezes, testemunhamos variadas denúncias de grandes empresas e estabelecimentos comerciais, que tratam seus funcionários em situação de escravos, por meio de situações degradantes de tirar a dignidade profissional e até social dos sujeitos empregados. Assim, Piano só consegue ser um Supriano, ficando “pianinho”, sem poder falar, porque de tão suprimido socialmente, torna-se um esquecido.

No desfecho da narrativa, observamos o contraste do cenário construído por meio de duas atmosferas. Por um lado, a atmosfera alegre, devota, fervorosa, religiosa da festa de Santa Luzia, na festa de comemoração da cidade, envolvendo as classes sociais mais elevadas que participavam da comemoração. E, do outro lado, a atmosfera apresentada pela figura de Olaia, esgarranchada nas costas do filho com problemas mentais, atravessando a cena bonita da festa, portanto, enfeando-a.

Assim, temos o contraste entre a festa religiosa, bonita, rica, ostentativa, mas que não é acolhedora para os coitados, humilhados e miseráveis. E do outro lado, a figura da miséria, representada em Olaia e seu filho, dando um tom de tragédia para a cena. Esse jogo de contrastes, muito bem explorado no conto, provoca a reflexão dos lugares e espaços ocupados pelas pessoas no sertão brasileiro, entre os privilegiados e os não-privilegiados, os exploradores e os explorados.

É interessante destacar a semelhança que o conto *A enxada* apresenta com a metamorfose, no sentido de ser angustiante e labiríntico. Não por acaso que no final diante de todos os obstáculos intransponíveis, diante de todas essas portas fechadas dentro de um labirinto monstruoso, Piano, tal como Gregor Sansas, de *A metamorfose*, acaba passando por uma metamorfose. Piano é

metamorfoseado em enxada. Depois de não conseguir encontrar a ferramenta de trabalho, ele se vê obrigado a virar a sua própria ferramenta.

Gregor é metamorfoseado num inseto monstruoso, perdendo a sua humanidade e sendo colocado numa posição hierárquica inferior à espécie humana. Da mesma maneira observamos Piano se metamorfoseando em uma enxada para conseguir plantar a roça de arroz. Na cena mais grotesca e brutal do conto, ao amanhecer do dia, Piano está quase concluindo a plantação de arroz, mas suas mãos aparecem apenas como tocos em pele e osso, com restos de pele e de sangue, misturada com a terra, e os ossos das mãos saltando para fora.

Nessa atmosfera kafkiana, da qual o personagem não conseguiu sair, Piano rodou preso a esse labirinto, também perdendo a sua humanidade para se transformar no próprio instrumento de trabalho, por meio da subjugação, que o coloca em uma situação de humilhação sendo coisificado. Dessa maneira, Piano está destituído de sua humanidade e da sua condição orgânica, biológica, sendo tratado como objeto.

Encontramos assim no conto, variadas questões envolvendo as relações sociais de poder no sertão interior de Goiás, abuso e exploração por meio do trabalho escravo, a coisificação do homem e a condição racial. *A Enxada*, dessa maneira, é um conto comovente capaz de sensibilizar qualquer leitor atento, preocupado com justiça social e com temas que dialogam com a realidade precária ainda de um Brasil do século XXI.

Na próxima seção, analisamos de que maneira o racismo ainda perdura no Brasil por meio da subjugação do homem, valendo-nos de excertos do conto *A Enxada* para realizar nossas ponderações.

3. A Enxada e o homem: subjugação racial

As relações de poder e a herança deixada pelo racismo é uma das consequências de que o personagem Supriano sofre no conto *A Enxada* de Bernardo Élis. Nessa obra literária goiana, observamos a maneira como as pessoas negras no Brasil ainda no século XX sofrem com o trabalho subjugado, permanecendo ainda como mão-de-obra escrava. O personagem principal Supriano também chamado de Piano é um negro, de cabelo afro e olhos escuros.

“Supriano era feio, sujo, maltrapilho” (ÉLIS, 1976. p. 83). A maneira como o personagem é retratado no conto demonstra a sua condição de miséria, perante um sistema que subjuga as pessoas e as maltratam devido a cor da pele e a herança deixada para aqueles que são pretos no Brasil. No texto de Élis, observamos o narrador chamando o personagem por meio de expressões características do racismo no Brasil e do tratamento dado ao negro, como um ser feio, sujo, impuro.

Além do mais, no conto é perceptível como Piano trabalha sem receber um salário, totalmente entregue às condições de mazela social impostas por um coronel fazendeiro que o maltrata e subjuga como fosse seu dono. No conto observamos como Piano foi fixar nas terras de capitão Elpídio:

Piano pegou um empreito de quintal de café com o delegado. Tempo ruim. Doença da mulher, estatuto do contrato muito destrangolado, vai o camarada não pôde cumprir o escrito e ficou devendo um conto de reis para o delegado. Ao depois vieram os negócios de Capitão Benedito com João Brandão, a respeito do tal peixe de ouro de Sá Donana, e no fritar dos ovos acabou Supriano entregue a Elpídio, pelo delegado, para pagamento da dívida (ÉLIS, 1976. p. 85).

Neste viés, é perceptível que as pessoas negras, na lógica das relações do sertão, trabalhavam para receber em troca um alimento, favores, mão-de-obra barata, resultando na extorsão e escravidão deles próprios. O tratamento dado a Piano no conto, coloca-o numa situação análoga ao trabalho escravo, por meio das condições impostas pelas elites locais, percebidos ainda no Brasil contemporâneo, demonstrando a maneira como os negros nascem para servir e trabalhar para a parcela branca da sociedade.

No conto percebemos nitidamente que um dos exploradores que subjuga seres humanos negros para trabalhar de forma escrava, é o senhor e sitiante Elpídio Chaveiro. A expressão “imprensado assim como jabuticaba na forquilha” (ÉLIS, 1976) nos mostra que os negros eram terrivelmente sujeitados a cumprir as ordens de seus patrões, pois, uma vez que não fizessem conforme o que lhes foram ordenados, eram chicoteados e até mesmo mortos.

De acordo com Moore (2007, p.29), “A banalização do racismo visa criar a impressão de que ‘tudo anda bem’ na sociedade, imprimindo um caráter banal às distorções socioeconômicas entre as populações de diferentes ‘raças’”. Compreendemos dessa maneira, que a banalização do racismo tende a deslegitimá-lo, como se ele não existisse, já que, assim, as práticas de exploração tornam-se mais viáveis. Dessa forma, a mão-de-obra escrava continua sendo utilizada em terras de senhores donos de fazendas e latifúndios, pois essa relação traz benefícios e vantagens para eles. É por meio dessa exploração que grande parte da elite brasileira pode continuar desfrutando de seus privilégios e garantias com o trabalho escravo, gerando riquezas para uma parcela pequena. Ainda sobre essa temática, Moore (2007, p. 279) segue arrazoando:

[...] o racismo [...] uma elaboração intelectual com fins políticos e econômicos e, conseqüentemente, permeável à lógica (educação, demonstração científica, pregação ético-moral). O racismo era uma pura questão de indecência, ignorância ou vulgaridade, e nada mais [...] facilmente vencido por meio da educação; da adoção de ‘modais decentes’; da prédica religiosa e do ‘abandonamento do coração’.

Neste viés, é perceptível que tudo que Supriano está passando vem de uma lógica muito bem pensada e construída, em que é tratado como um animal, ou até pior, tendo em vista que os maus tratos e a maneira como foi subjugado e inferiorizado não demonstram nenhum respeito da sociedade para com ele.

No conto, observamos uma passagem de exploração e práticas racistas de violência quando Supriano estava pensando em vender mel para juntar dinheiro e comprar sua enxada. Piano precisava da ferramenta para conseguir plantar a roça de Eupídio, todavia, seu patrão vendo o que estava acontecendo e não gostando da situação, foi ao encontro de Supriano e o ameaçou: “Em dia de Santa Luzia, tu ainda nesse dia não tenha plantado o arroz, te ponho soldado no lombo, rã-rã [...] Se fugir, sai mais caro” (ÉLIS, 1976, p. 87).

Pode-se notar que a ameaça que Eupídio faz a Piano, é uma das tantas práticas recorrentes do trabalho escravo. Por meio da maneira de inferiorizar e subjugar Piano, Eupídio não tem complacência com o empregado, não dando saída para ele. Moore (2007) atesta que o racismo é uma forma de agressão física e psicológica, que inferioriza uma raça e valoriza outra. No caso, o grupo dos brancos sempre será colocado numa situação de melhor lugar na sociedade.

Ademais, Moore (2007) afirma que o racismo deixa marcas irreversíveis no comportamento das pessoas negras. É nítido que as pressões psicológicas e agressões físicas causadas pelo racismo destroem a moral e o psicológico das parcelas não negras de nossa sociedade. O autor ainda observa que o ódio racista deixa de ser uma mera questão de sentimentos ou de interação puramente afetiva entre os indivíduos para se converter em um sistema normativo da realidade social.

Moore (2007, p. 284) argumenta que o racismo veda o acesso aos recursos vitais, nas sociedades atuais, “[...] limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdade que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo”. Neste contexto, é indubitável que as relações de poder vêm de pessoas brancas, de cabelos lisos e claros, de olhos claros e que não possuam nenhuma deficiência.

No conto, não somente Supriano sofria de tratamento injusto pela sua condição racial, como também sua família padecia dessa crueldade. O filho de Piano, por exemplo, era considerado um “bobo babento”. A esposa, Olaia, também apresenta uma condição precária, sendo entrevada das pernas. Nessa direção, Corrêa (2006) expõe que o corpo humano é carregado de signos, pois nele está marcada a cultura de uma sociedade. Como ente construído socialmente e culturalmente, cabe à sociedade determinar quais partes do corpo podem ser mostradas, perfuradas, tocadas, adornadas: “Se o corpo é tão revelador da estrutura de uma sociedade particular, estão no corpo os sinais de dominação e subordinação. Nele culminam conflitos travados pelos grupos sociais, nele operam-se lutas e afirmações de poder” (CORRÊA, 2006, p.4).

Élis ressalta em seu conto, que nesse Brasil, afastado dos grandes centros urbanos, pessoas pretas, além de trabalharem com péssimas condições, eram espancadas, chicoteadas e até mortas a mando de seus patrões. O escritor goiano ressalta nesse conto que assim como Piano, muitos pretos no

Brasil sofreram e ainda sofrem dessa condição desumana, pois a mão de obra escrava sempre foi a melhor saída para os grandes latifundiários⁵.

Piano foi espancado, na tentativa de encontrar uma enxada para plantar a roça de seu dono/patrão, contudo, compreendemos que o motivo diz muito mais do simples fato de não ter conseguido uma enxada. Piano foi espancado porque no Brasil esse é o tratamento dado para as pessoas não brancas, que sofrem a injustiça todos os dias por meio do racismo em uma sociedade desigual que trata os grupos negros de maneira diferente, sem considerá-los, negando-lhes os direitos básicos para alcançarem igualdade, como o trabalho justo. Moore (2007, p. 284-285) desenvolve o conceito de que “o racismo é uma recuperação cultural de um conjunto de comportamentos agressivos, violentos e egoístas cuja finalidade é a estruturação e a sustentação de sistemas de gestão dos recursos em termos racialmente monopolistas”.

No Brasil, é fato que o negro está mais exposto à violência, à pobreza e às desigualdades de toda ordem. O homem negro é a faixa mais atingida e malvista pela sociedade. A imagem construída socialmente acerca do homem negro são efeitos da discriminação e racialização. O **ser negro** convive com uma contradição: ao mesmo tempo em que é um perigo para a sociedade, é a maior vítima dela. Se ser homem negro à noite é motivo de terror e medo para outras pessoas, ser homem negro é também sinônimo de exclusão e de morte.

Assim como Piano, muitos negros no Brasil sofrem todos os dias maus tratos por meio de práticas racistas, cerceamento de seus direitos básicos e condições mínimas de trabalho daquelas mesmas garantidas para grupos de pessoas brancas. Segundo Fernandes (1978), a desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Neste sentido, pode-se averiguar o começo de uma luta dos ex-escravos e pessoas que eram contra a escravidão, para que os negros pudessem ter os mesmos direitos que os brancos em nossa sociedade.

A luta no Brasil contra o trabalho escravo se deu a partir da preocupação com os destinos dos escravos e a necessidade de mão-de-obra das elites latifundiárias para continuarem tendo trabalhadores em suas lavouras de plantação. Com a fuga de vários escravos, o dilema que passa a enfrentar os latifundiários no Brasil, passa também a ser uma das preocupações de líderes políticos que governam pelo interesse dessa elite. Assim, a abolição da escravatura no Brasil tem interesses políticos e econômicos.

No entendimento de Fernandes (1978), a lei Áurea não foi criada com a intenção de combater o racismo no Brasil, mas foi antes uma tentativa de continuação de poder dos povos brancos e de uma elite política e privilegiada. Assim, a lei só foi criada no Brasil com o intuito de não perder os

⁵ “O latifúndio [...] trata-se de grandes propriedades dedicadas a uma produção mercantil, exploradas com força de trabalho não assalariada pura, para o mercado externo ou interno. No caso polar, a mão de obra é constituída pelo morador ou pelo agregado, para o qual o dono da terra cede terras” (LOPES, 2008. p. 5).

trabalhadores escravos, que começaram a se organizar e a se rebelar com a opressão por meio de fugas contra seus donos.

No conto *A Enxada*, Piano, em meio a toda a situação labiríntica a qual foi submetido, de não conseguir uma enxada para o seu trabalho, ainda assim continua se preocupando com o plantio da roça de arroz: “Se tivesse enxada, não seria novamente preso, não levaria chicotadas no lombo, não seria maltratado” (ÉLIS, 1976, p. 98). Contudo, naquele Brasil rural, pretos eram subjugados e levados a coisificação, e é dessa maneira que Piano, maltratado, agredido, porém, resignado, chega ao delírio no final da narrativa. Perante a situação de “não saída” a qual foi submetido, em um delírio de loucura, Piano diz ter encontrado uma enxada:

“Olaia, Olaia, vigia a enxada [...] Vigia só a enxada! [...]” Olaia, admirada, passou a mão pelos olhos. Será que não estava dormindo? Por mais que procurasse ver a enxada que Piano lhe mostrava, o que percebia era um pedaço de galho verde em suas mãos. Talvez murici, talvez mangabeira. Mas ferramenta nenhuma ela não via. “O homem tava não regulando, será?” (ÉLIS, 1976, p. 100).

A condição de Supriano não era favorável e ele sabia disso e com medo de ser levado pelos soldados, começou a delirar, achando que um galho verde seria uma enxada. No conto, Olaia, sua esposa espantada com a situação, adverte o marido de que aquilo não era enxada, mas como era o último dia do prazo que seu patrão lhe dera para plantar a roça e ainda madrugada, o sertanejo pegou o saco de arroz e saiu a plantar a roça com sua ferramenta, o galho verde que ele imaginava ser uma enxada.

Ao final da narrativa, vemos a condição trágica a que chegou o protagonista, dado o desespero do homem que sabe que a ele não cabe recursos ou salvação, perante o poder do homem branco que lhe impôs o trabalho de plantar uma roça:

Piano mostrava o mesmo bagaço de madeira esfiapado em fibras brancas do cerne e verde da casca, exibia as duas mãos que eram duas bolas de lama, de cujas rachaduras um sangue grosso corria e pingava, de misturas com pelancas penduradas, tacos de unha, pedaços de nervos e ossos, que o diabo do fogo não deixava divulgar nada certo, clareando e apagando no brasileiro que palpitava e tremia (ÉLIS, 1976, p. 101).

Podemos observar, a partir dessa trágica passagem do conto, que Piano se metamorfoseou na própria ferramenta de trabalho que tanto procurou, uma enxada, pois seu próprio corpo foi usado como instrumento de produção. No conto, observamos em detalhes de descrições feita pelo narrador, como Piano se encontrava machucado, num estado que nem um animal é encontrado. A desumanização de Piano nessa passagem do conto é levada às últimas consequências, pois um objeto, uma ferramenta de trabalho nesse caso pode ser substituída, mas um corpo humano, não. Supriano é coisificado mais uma vez, sendo destrutado por meio da condição não humana.

Somada a essa análise, Gomes (2002) nos chama a atenção para a coisificação do corpo de africanos escravizados trazidos para o Brasil. O significado pejorativo atribuído ao corpo negro não se dava somente pela condição escrava, mas sim pela forma como os senhores se relacionavam e tratavam o corpo dos escravos. Para a autora, há vários documentos e textos que comprovam os castigos corporais, as marcas de ferro com a letra do dono do escravo, a mutilação, os açoites e os abusos sexuais, com instrumentos de tortura e humilhação. O corpo negro é o espaço do conflito porque sobre ele recaem valores negativos que fazem desse corpo lugar de dor e rejeição.

No fechamento do conto, de manhã os soldados foram para a roça à procura de Piano. Olaia, vendo os homens do poder, tinha suas superstições acerca deles “Soldado para ela tinha parte com o Sujo. Era uma noção de gente que metia medo pela ruindade. Soldado não podia ser filho de Deus” (ÉLIS, 1976, p. 102). Neste contexto, é notório que Olaia não gostava de soldado, pela maldade, crueldade e injustiças que eles faziam com pessoas iguais a ela e a Supriano, seu marido. No Brasil do sertão, os soldados continuaram com a tarefa que foram mandados a fazer, executando Piano.

Para concluir o conto, o narrador com maestria demonstra a posição e reflexão de Olaia em uma conversa com Neca, “E Piano? Piano era seu marido?” (ÉLIS, p. 106); e Olaia respondeu: “Nhor não” (ÉLIS, 1976, p. 107). O conto não explicita o motivo de Olaia ter mentido, contudo, analisando o contexto da história, deduzimos que Olaia não respondeu a verdade por medo e por reconhecer não possuir lugar na sociedade, pela sua condição de miséria e rebaixamento social, assim, nega Piano para não morrer também como ele.

O conto demonstra por meio da história de Piano que as práticas racistas são reais, trazendo sérias consequências para a vida das pessoas. Complementando e afirmando essa teoria, Moore (2007) diz que os preconceitos, medos e ódios seculares que o racismo gerou ao longo dos tempos se têm enraizado no imaginário coletivo dos diversos povos e sociedades, formando incríveis labirintos de sentimentos inconfessos de repulsa automática contra o segmento de origem africana e de insensibilidade para com seus interesses e anseios.

A diversidade de raça tem causado muitas reflexões na sociedade brasileira atualmente, na luta contra o racismo e todo tipo de preconceito e discriminação causados por ele. O combate ao racismo possibilita quebrar os paradigmas que por tanto tempo alicerçaram as relações de poder entre as pessoas, gerando desigualdades e injustiças históricas não reparadas. Nesse sentido, Moore (2007) alega que o problema da sociedade racializada é o reconhecimento positivo da diferença no sentido do outro total, e das dinâmicas singulares que lhes são constitutivamente próprias que, se não for ancorada num contexto de profundas mudanças estruturais, nunca poderá ocorrer o dismantelamento das desigualdades sociorraciais.

Dessa forma, como observa Moore (2007), a abolição da escravatura não foi uma dádiva para os ex-escravos, pois ela não significou a liberdade efetiva deles, tão pouco significou uma reparação de justiça lhes devolvendo a dignidade e direitos básicos de sobrevivência, que os grupos de pessoas brancas possuem. Ao contrário, a abolição foi muito mais uma maneira dos senhores de escravos

livravam-se de obrigações onerosas ou incômodas, que os prendiam aos remanescentes da escravidão. Nesse sentido, a Lei Áurea não significou para os pretos o sonho de acreditar que a partir de então poderiam ser libertos e viverem em uma sociedade justa.

Para tanto, ao se pensar numa sociedade com condições justas para os negros, a consciência de que uma grande luta precisa ser começada no Brasil é urgente, pois somente assim esse mal de séculos poderá ser exterminado em nosso meio. Precisamos entender que, no Brasil, os privilegiados fazem parte de um grupo restrito de brancos, que têm acesso aos bens de consumo, boas moradias, educação, saúde, entre outros. Moore (2007) observa que essa mudança deve começar por diversas lutas, dentre elas a construção de uma ideia em torno do pluralismo racial, a luta pela afirmação da diferença, a luta contra o racismo, sendo todas estas lutas permanentes dentro da sociedade, articuladas igualmente a partir das estruturas sociais.

Esse viés ensina que a luta deve ser constante e não se pode parar de reivindicar os direitos sociais pelo simples fato de ter conseguido dar um passo, pois ainda há muito o que se fazer na conquista de direitos iguais de grupos negros em relação a grupos brancos. Não é fácil combater um preconceito enraizado numa sociedade conservadora como a brasileira.

Mesmo após a lei que assegurou a liberdade para os negros, muitos ex-escravos foram para as grandes cidades em busca de bons trabalhos. Entretanto, tal como expõe Fernandes (1978), não foi fácil conseguirem trabalhos com remuneração justa e dignidade, pois o grupo de negros continuou recebendo o tratamento da exploração, como observamos no conto de Bernardo Élis.

Ao irem para as grandes cidades brasileiras, os negros procuravam trabalhos para conquistarem seus próprios bens, no entanto, “o negro e o mulato tinha de disputar eternamente as oportunidades residuais com os componentes marginais de sistema – com os que ‘não serviam para outra coisa’ ou com os que ‘estavam começando bem por baixo’” (FERNANDES, 1978, p. 42). Neste sentido, é notório que quem é branco dispõe de privilégios, em uma análise lógica, se sobressaindo na sociedade, onde quem tem poder econômico são os brancos e quem não tem são os pretos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Enxada* é uma obra de Bernardo Élis, escritor literata goiano, que ao decorrer desse conto evidenciou algumas falas originais do regionalismo da região do estado de Goiás, retratando a vida de um negro, subjugado, que sofreu a sua vida inteira com maus tratos, exposição a situações deploráveis e opressoras de trabalho, causados por um mau que na época não possuía nome, nem era visto como algo ruim. O personagem Supriano, apelidado como Piano ao decorrer do conto, é o protagonista da narrativa, assim Élis construiu uma história que retrata práticas racistas no sertão. Na época retratada na obra, pode-se perceber que não existia democracia, apenas a ganância e o interesse capitalista dos

grandes coronéis latifundiários da elite agrária goiana, explorando e subjugando trabalhadores braçais da terra.

O protagonista do conto em questão sofreu em condições análogas ao trabalho escravo, pagando com a própria vida, a injustiça de uma sociedade racista e criminosa. Supriano, ao final do conto, foi exposto a situações que não são desejadas a nenhum ser, seja ele animal ou humano.

Neste artigo, lançamos mão de excertos do próprio conto *A Enxada* para traçarmos algumas reflexões, sob a perspectiva de Moore (2007), de Fernandes (1978), de Correa (2006) e outros, sobre as práticas racistas discriminatórias no Brasil.

Ressaltamos que a Lei Áurea não foi uma reparação das injustiças praticadas contra os negros, haja vista que sua finalidade era somente preservar os trabalhadores negros, para continuarem tendo mão-de-obra para gerar as riquezas das elites agrárias.

Portanto, mesmo que a escravidão tenha sido abolida no Brasil, os grupos negros nunca conseguiram ocupar os mesmos espaços e obter os mesmos direitos que os grupos de pessoas brancas. A Lei Áurea para o negro, então, é apenas um passo para a luta contra o racismo no Brasil.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 169-196.

CORRÊA, Laura Guimarães. Corpo exposto: a representação do negro em dois anúncios de telefonia celular. **UNÍrevista**, v. 1, n. 3, p. 2-11, jul. 2006. Disponível em: <http://www.alaic.net/ponencias/UNÍrev_Correa.pdf> Acesso em: 26 de jan. 2021.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio** [tradução Davi Arriguci Jr e João Alexandre Barbosa; organização Haroldo de Campos e Davi Arriguci Jr.] São Paulo: Perspectiva, 2006. Disponível em: <https://document.onl/documents/cortazar-julio-valise-de-cronopiopdf.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

ÉLIS, Bernardo. A enxada. In: ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976. p. 83-91.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. v.1. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**. v. 41, n. 21, p. 140-168, set./dez. 2002.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. **Do latifúndio à empresa: universidade e diversidade do capitalismo no campo**. Rio de Janeiro: Centro Einstein de pesquisas sociais. 2008.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

RUFFATO, Simone. O romance de 1930. **Revista do ieb**. n. 44, fev. 2007.

SILVA, Edson Batista da. A terra, a enxada e a Geografia. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*, v. 9, n. 1, mar. 2020, p. 107-121. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/10074>. Acesso em: 10 jan. 2021.

TEIXEIRA, Átila Silva Arruda. *Do projeto ao romance: uma análise de O Tronco*, de Bernardo Élis. 2010. 129 p. Dissertação – Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, 2010.